

O Bero da Gra



Director — HUGO D'ALMEIDA

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Editor — ANTÓNIO LINO

Redacção e Administração — Rua da República, 48-1.º

Impressão: Tip. Minerva — Vila Nova de Famalicão

Propriedade da Empresa

Desordem organizada

COMEÇOU em França o consulado socialista... e começou, de facto, por onde devia começar: pela desordem, pela agitação, pela supressão cínica das liberdades individuais. Não há dúvida, por isso mesmo, de que começou o consulado socialista em França... Já o tesouro lhe sente os efeitos e dentro de poucos dias o país será desarmado, como sucedeu em Espanha e até na Inglaterra.

Depois da declaração tam fantasiosa do novo Chefe do Governo, Léon Blum, no Parlamento esquerdista, declaração que as greves estão a sublinhar ou já a desmentir, não se percebe bem, o mundo, e não apenas toda a França, segue com o máximo interesse os primeiros passos dessa decisiva experiência política e económica anunciada com um tam presumido ar de triunfo.

É certo que Blum teve o cuidado de avisar que o seu Governo não era um Governo retintamente socialista, puramente anti-capitalista, antes a expressão do programa votado pela Frente Popular que admite a colaboração das classes burguesas, mas também em Espanha Azaña fez a mesma afirmativa e os factos têm-na sucessivamente destruído. Quem está no Poder em França, como em Espanha, não são as forças republicanas, mas os elementos socializantes, comunizantes, verdadeira ponte de passagem para um socialismo integral. Assistimos presentemente a uma verdadeira desordem organizada em França e organizada por quem e como? Claro que por instruções vindas de Moscovo através dos diferentes «comités». Os operários ocupam as fábricas, as lojas, os armazéns, os mercados, os caminhos de ferro, os cais com uma calma e até com um bom-humor simplesmente desconcertantes. Sabem o objectivo a atingir, sabem a quem devem obedecer, não se mostram impacientes; se não parecesse hilariante ou paradoxal diríamos que a desordem prossegue com uma ordem absoluta. Isto é bem elucidativo e dá-nos a impressão nítida da subserviência dum grande país que põe de lado o patriotismo para acatar, já meio escravizado, todos os imperativos dimanados do estrangeiro.

Blum, apesar das suas miríficas promessas de fazedor da salvação universal, está a ser jogado — e no fundo atropelado — pelas combinações comunistas que vão decerto precipitar os acontecimentos. Então a esta acalmia desordeira — aparente, é indubitável — suceder-se-á a guerra civil em todos os seus aspectos sangrentos e exploradores. As medidas violentas serão decretadas para saciar os apetites animais das massas ou para satisfazer as exigências das clientelas.

As fortunas passarão a ser confiscadas por cima: primeiro as maiores, depois as médias e, por último, todas e tudo. O Exército sofrerá as modificações anti-nacionais aconselhadas pela política... As grandes competências serão arredadas dos seus postos, por suspeitas. O mesmo sucederá no funcionalismo civil. Sob o pretexto de evitar a fuga dos capitais, será proibida a saída do ouro, monopolizado pelo Estado o comércio de cambiais e até mobilizados os valores mobiliários estrangeiros.

Com o pretexto de lutar contra o fascismo, a Frente Popular vai assim enfraquecendo dia a dia as suas possibilidades de resistência numa futura guerra com o seu inimigo tradicional. Enquanto a Alemanha se une e se disciplina além-Reno, criando um formidável potencial guerreiro, a França abre brechas na sua indústria, no seu comércio, nas suas finanças, na sua moral e no seu prestígio externo, lutando impotente com os mais graves problemas como o da despovoação e o do urbanismo. As cidades estão congestionadas e os campos definham à mingua de braços, por um lado; por outro, o decréscimo da população atinge nesta hora proporções tam radicais que põe em perigo a existência da nacionalidade.

Virá Blum resolver com o seu socialismo dissidente esta e outras questões vitais para a França? Até agora, temos de confessar que a situação social só se agravou com a sua chegada ao Poder. A sua autoridade de mentor das massas não tem sido provada com muito brilho... As greves, apesar dos seus esforços tenazes, ainda não cederam, ainda alastram, lenta, segura, metódicamente. Há já quem pergunte se Blum é uma solução, como ele próprio proclamou com uma confiança que faz rir, ou um mero paliativo para disfarçar cousa mais avançada. Esperemos.

A' MARGEM

Estes bairristas do *Notícias de Guimarães*, são do melhor que se fabrica.

Felizmente que existem.

Com que então um grande silêncio, um cochichar pelos cafés e nada mais?

E a tal falta gravíssima das notas officiosas?

Os leitores já conhecem de há muito o bairrismo destes cavalheiros. Queriam a nota, que um passo não arriscam no interesse de saber.

Pois que lhes importa a eles, saber? O que eles pretendem, é precisamente o contrário — é não saber —. Mas ainda, que a cousa é evidente: o que a eles interessava era que nada se conseguisse.

Se fôssem hominhos de promessas, já tinham esgotado a cêra que se oferece aos santinhos milagrosos.

Assim vão envenenando a opinião pública — fraca opinião terão os que se deixam ir nas águas dos celesterrimos bairristas — e vá de esguichar dichotes — já se não pode ser delicado...

Mas que diabo pensam estes cidadãos?

Que a cidade os toma a sério? Que não vê bem claro o jôgo do revirinho, derrotista, — nada se consegue — deu-se uma passeata, fez boato...

Isso era ótimo para manter o fogo sagrado do tal que há de vir... um dia pela mão dum largo cabalero de trazer por casa, dêsse que a gente encontra à procura da coroa.

Tres vezes nove...

Pois é, — tudo uma cantiga — que os homens do Estado Novo não têm mesmo mais que fazer, que alimentar o fado corrido das lumbrias do tal, que se um dia vem, traz consigo para Guimarães a tropa toda, uma Universidade e a torre dos Clérigos...

Acabou-se-lhes o choro plangente (coitadinhos) do bairro operário, — cantiga — não há bairro nenhum, eles são nefelibatas, — nada se pede — pobre terra quem dirige as tuas mais caras aspirações —, e vá de ensaiar novo faduncho para entreter os pascácios que rejubilam com a grande nova — nada se consegue..., só o tal, o revirinho, esse sim, é que traz cousas.

Mas quando chegará o dia em que estes senhores percam o medo infantil da polícia e digam em letra de fôrma que combatem o Estado Novo e que o bairrismo é a tal *pêninha para disfarçar*?...

Ora os bairristas de carnaval!...

D A C I D A D E

Vida católica

Congregação de Maria Imaculada

Esta Congregação Mariana, erecta na Basílica de S. Pedro, teve no passado domingo a sua reunião mensal, que constou de Missa, Prática, Comunhão geral e Bênção do S. Sacramento, tendo assistido um grande número de Congregados.

Hora Santa

Realizou-se ontem pelas 21 e meia horas nas três igrejas paroquiais da cidade, a Hora Santa de Adoração, Reparação e Desagravo ao Santíssimo Sacramento, sendo muito concorridas de fiéis.

Acção Católica

Para tomar parte no dia das Juventudes que se realiza amanhã em Braga, seguiram hoje os escutas dos Grupos 6 (S. Dâ-mazo) 2 (Egas Moniz) e 116 de Ronfe, acompanhados dos seus Chefes, os quais fazem a viagem a *Auto-Buses*, acampando na cerca do Seminário Conciliar, seguindo amanhã por caminheta o Grupo 116 (Nossa Senhora da Oliveira), bem como a Juventude Operária Católica Masculina e Feminina, Juventude Escolar Católica e Benjaminas da cidade e de várias freguesias do concelho.

EXCURSÃO

O Grupo Excursionista dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus — Guimarães, realiza o seu 3.º passeio anual ao Alto Minho em 28 e 29 do corrente, com o seguinte itinerário:

Guimarães, Braga, Vila-Verde, Ponte da Barca, Quedas de Lindoso, Arcos de Val-de-Vez, Monção, Valença, Vila Nova de Cerveira, Caminha, Ancora, Viana do Castelo, Esposende, Visita à Quinta de Curvos, Fão, Póvoa de Varzim e Guimarães.

PELA POLÍCIA

Em substituição do sr. José Robalo da Silva, virá exercer o comando do posto da polícia nesta cidade o chefe sr. António Vieira, autoridade que pelo seu apurmo moral deixou inúmeras simpatias em Braga.

Ao chefe sr. António Vieira desejamos o bom êxito da sua acção disciplinadora.

Homenagem a P.º Gaspar Roriz

Tudo se conjuga para que a homenagem a P.º Gaspar Roriz atinga a grandeza de um preito de gratidão e saúde da cidade de Guimarães a um dos seus mais ilustres filhos.

O sr. Américo Ferreira, a alma da festa, não se tem poupado a esforços para que esta homenagem seja digna do coração magnânimo do saudoso P.º Gaspar Roriz.

Está já assegurado o concurso dos srs. Rev. Cândido Abílio de Almeida Gomes e dr. Eduardo de Almeida, oradores de vulto, na sessão solene que terá lugar no salão nobre da Sociedade de Martins Sarmento.

O «Grupo Dramático Vimaranesense P.º Gaspar Roriz», colaborará também nesta homenagem com a representação de *O Herói Minhoto*, belo trabalho a P.º Gaspar Roriz, em que serão intérpretes a sr.ª D. Custódia Costa, José Roriz, Avelino Ferreira Meireles, João Barreira, Américo Ferreira e outros.

Os hábeis armadores srs. João Passos e Eugénio e Novais, também ofereceram o seu concurso nesta homenagem, ornamentando a igreja onde se vão realizar as exéquias.

Se em todas as iniciativas vimaranenses se registasse esta união e solidariedade, por certo todas as tentativas seriam coroadas do melhor êxito.

ASSINANTES

Vieram à nossa redacção liquidar as importâncias relativas ao 2.º trimestre de *O Berço da Grei*, os nossos prezados assinantes ex.ºs srs. José Malheiro de Sousa e Menezes, de Vizela e José Lopes Ribeiro, de S. Clemente de Sande.

Inspecção de revista às cadernetas militares

Para conhecimento dos interessados, torna-se público que a Inspecção de revista às cadernetas militares se efectua nos dias indicados nos respectivos editais, no edifício da Câmara Municipal e não no quartel como se anunciara.

Dinheiro achado

Na Administração do Concelho está depositada uma quantia em dinheiro, que foi achada e será entregue a quem provar pertencer-lhe.

PEDIBOLA

Vitória 4 — Salgueiros 1

A tarde de domingo passado ficou memorável nos anais desportivos do Vitória.

Com expressivo resultado de 4-1, o Vitória após uma esplendida exibição, derrotou o valeroso e aguerrido S. C. Comércio e Salgueiros.

Logo no princípio da partida o Vitória desenvolve, em lances bem arquitetados, futebol de associação.

Rápido, veloz e entusiástico o Vitória esquematiza cenas de boa actuação e tecê fases de assédio em frente às redes «salgueiristas». Vergílio com um bom remate faz o primeiro ponto.

Passados alguns momentos, Bravo que tem cumprido com mestria, corre, dribla bem as defesas e aponta o 2.º com um pontapé imparável.

Por intermédio do seu centro, num à vontade completo, o grupo visitante obtém a sua primeira e única bola da tarde.

A toada enérgica e fogosa do Vitória começa a afrouxar.

Os «vermelhos» lançam-se ao ataque.

Com a partida equilibrada termina o primeiro tempo.

Após o intervalo o Vitória exerceu forte domínio e conseguiu marcar mais duas bolas.

O resultado justo e expressivo, traduz uma vitória conquistada sem favor.

No final deste encontro o capitão da equipe Jaime Castro recebeu em nome do seu grupo vencedor uma artística taça.

Arbitrou com algumas deficiências o sr. António Neves.

Antes de este encontro as reservas do Vitória bateram-se com o grupo de honra do Boavista de Braga.

Os locais tiveram no primeiro tempo uma actuação deficiente, apesar de superior à dos visitantes.

Na segunda parte melhoraram bastante e conseguiram o maior número de pontos.

Venceram por 8-1.

Arbitrou com aprêço o sr. Hernani Silva.

O grupo vencedor recebeu no final uma taça.

Assistência larga.

As bancadas estavam literalmente repletas.

Desordem organizada

Do jornal *A Verdade*, vibrante e enérgico defensor do Estado Novo em Lisboa, transcrevemos o artigo «Desordem Organizada».

Ainda a secção do Sindicato Nacional da Indústria Têxtil em Delâis e alguns patrões

Encobertos pela capa postiça de amor à situação, alguns senhores industriais de um concelho vizinho utilizam-se de processos revoltantes, para lançar entraves ao avanço da organização operária, segundo os princípios do Estatuto Nacional de Trabalho.

Julgam que conseguem apertar propósitos de justiça social com a construção de edifícios para creches e maternidades...

Quando os promotores destas realizações procuram asfixiar o entusiasmo corporativista que agita a alma dos operários, temo-nos de convencer que tais obras sociais são fogo de vistas, para iludir papalvos.

Luta-se há anos pela formação de uma secção do Sindicato da indústria têxtil no vizinho concelho de Famalicão, cuja necessidade tanto se impõe.

Os operários anseiam tal organismo porque vêem nêlo um instrumento de cordata e disciplinada libertação de muitas injustiças que os escravizam.

Apenas os patrões, alguns de Riba de Ave, procuram, por todos os meios, estrangular a expansão dos princípios corporativos que Salazar traçou com a mais luminosa e justa visão do problema social.

Apesar da fogueira que lá fora alastra assustadoramente, numa vertigem de destruição, estes senhores, numa cegueira pasmosa, entretêm-se, ó santa ingenuidade! a pôr obstáculos a uma organização que solucionará entre nós a angustiada questão social sem ódios nem agravos.

Tem muita razão Augusto Costa, quando afirmou que o nosso burguês é «pouco inteligente».

A' sombra da Cruz

Com a idade de 2 anos faleceu uma filhinha do sr. António de Sousa Lima, 2.º comandante dos Bombeiros, e neto do nosso bom amigo sr. António José Pereira de Lima, muito digno administrador do concelho.

A' família a nossa expressão de pesar.

«TIROS AO ALVO»

Do brilhante diário católico *Novidades*, reproduzimos «Tiros ao alvo», artigo que pelas verdades que encerra é bem digno de expansão.

A deslealdade jornalística do "Notícias de Guimarães"

Para que o público julgue e aprecie a isenção e lealdade de processos jornalísticos do *Notícias*, o *Berço da Grei* desfia pela última vez nas suas colunas provas concludentes e irrefutáveis.

Repugna-nos tratar destes «aleijões».

O *Notícias*, porém, afundou-se de tal forma, que nos obriga, em nome da moral, a escalpelizá-lo com rigor.

Manuel de Guimarães, oficial do exército muito conhecido no nosso meio pela sua aturada campanha «Pro-monumento aos Mortos da Grande Guerra», no *Notícias de Guimarães*, resolveu não mais colaborar no órgão regionalista.

Ao Director do *Notícias*, para conhecimento dos seus leitores, mandou uma carta correctíssima.

Pois já foram publicados dois números e a carta ainda não viu a luz da publicidade.

Como primor de lealdade jornalística, este exemplo é flagrante.

Manuel de Guimarães, a alma-mater da campanha «Pro-monumento», no *Notícias*, não quer mais nada com semelhante «tropa».

Em tempos o sr. Manuel de Guimarães, também nos pediu a publicação de uma carta para rectificação e esclarecimento de umas locais publicadas no *Berço da Grei*. Imediatamente a publicamos.

O *Notícias*, porém, não tem a noção de lealdade jornalística.

Que figuras de histriões eles não fazem!

Festa de Santa Catarina na Penha

E' amanhã, que na pitoresca montanha da Penha, se realizam, promovidos pelos caçadores do concelho de Guimarães, interessantes festejos, que àquele lugar atrairão inúmeros vimezanenses.

O programa das festas é o seguinte:

Solenidades religiosas, Missa a grande instrumental, Sermão por um consagrado orador sacro e Procissão. Concerto pela Banda dos Bombeiros Voluntários. Grande torneio de tiro aos pratos, inter-clubes, com valiosos prémios, entre os quais uma artística taça, no valor de mil escudos. Jantar de confraternização dos sócios do Club de Caçadores e Atiradores Cívicos de Guimarães, no Grande Hotel da Penha. Cachoeira Monumental na Serra da Penha. 2 fontes luminosas. Fogos, Músicas e Iluminações.

PATROCINADO PELA
UNIÃO NACIONAL

O "NOTÍCIAS" E AS ASPIRAÇÕES DE GUIMARÃIS

O editorial do último número do *Notícias de Guimarães*, lê-se e pasma-se.

O ódio político cegou aqueles homens até ao desvairo e à insensatez.

Vai de Guimarães uma embaixada a Lisboa composta por membros da Câmara e da União Nacional.

Fazer o quê? Pedir por esta Terra.

Apresentar a quem de direito as mais latentes aspirações vimezanenses: uma unidade militar, o desenvolvimento da Escola Industrial e Comercial de Francisco de Holanda, um parque à volta do castelo, a restauração dos Paços dos Duques de Bragança e a participação para os novos Paços do Concelho.

Entra também na repartição dos serviços rurais do Ministério das Obras Públicas a solicitar subsídios para melhoramentos nas aldeias.

Aquela comissão levava o pensamento fixo na Terra de Guimarães, no seu progresso, no seu embelezamento e na sua elevação.

Foi expor ao Sr. Dr. Oliveira Salazar as aspirações de Guimarães.

Sua Ex.^a recebe a comissão com provas de requintada devoção à nossa Terra.

Escuta as aspirações da alma vimezanense e promete para a sua satisfação todo o seu carinho e boa vontade. Em face disto, que faz o *Notícias de Guimarães*? Lança-se furiosamente contra essa comissão.

Afirma que traíu o seu mandato, que desprezou o torrão; e pretende, ó pasmo das gentes!, amarrá-la ao pelourinho público e vergastá-la sem dó nem piedade.

Ir a Lisboa tratar dos interesses de Guimarães é atitude «criminosa» que o bairrismo fogoso do *Notícias* não perdoa.

Daqui, com energia, intimamos o *Notícias de Guimarães* a retirar o rótulo hipócrita de regionalista.

Não consentiremos que ennodem esta palavra. Substituam-na por «reviralista» que está mais a carácter. Não consentiremos que homens de tam venenosas intenções apregoem amor à Terra e à Grei.

Daqui, intimamos a retirar essa legenda sagrada. Jamais consentiremos que se confessem defensores das aspirações de Guimarães.

O *Notícias*, fonte de envenenamento público, precisa de ser estancada para purificação dos ares da nossa Terra. E' a obra de saneamento que a moral pública mais imperiosamente exige.

O *Notícias*, é o maior entrave ao progresso de Guimarães.

«Acostumados à familiaridade, não perdoamos a falsa posição dos «embaixadores» da Cidade e do Concelho.»

Que falsa posição é essa?

Irem a Lisboa pedir ao Sr. Dr. Oliveira Salazar uma unidade militar, o desenvolvimento da Escola de Francisco de Holanda, um parque à volta do castelo, restauro dos Paços dos Duques de Bragança e participação para os Paços do Concelho, classificados pelo Sr. Presidente do Conselho como obra infeliz!

«Quási se dão alvíceras a quem possa informar das *démarches* realizadas pela Comissão que, na semana finda, se deslocou a Lisboa para tratar dos assuntos referentes à Cidade e Concelho.»

Onde chegou o cúmulo da desfaçatez!

O *Notícias de Guimarães* queria de certo que os membros da embaixada fôssem à sua redacção infor-

(Continua na 8.^a página)

A' MARGEM

A campanha derrotista contra os representantes do Estado Novo em Guimarães, alimentada sem desfalecimento nem tibiezas pelo *Notícias*, é tática do revirinho.

Como não podem enxovalhar o Governo Central, vingam-se nos seus legítimos representantes locais.

O Estado Novo concede um bairro a Guimarães... começa logo a chicana.

Vai uma comissão a Lisboa, apresentar as aspirações de Guimarães... entra em função a chicana.

Não existem para outro fim.

O que pretendem os homens do *Notícias*?

O advento do Largo Caballero português com a efectivação da sua doutrina à custa da força, até à completa destruição da sociedade burguesa.

Ainda no seu último discurso em Oviedo, Caballero fez a apologia da dinamite.

E afinal, quem sustenta o *Notícias de Guimarães*?

Os burgueses, os comerciantes, os proprietários e até homens que se dizem do Estado Novo...

Como se admira a inconsciência com que os nossos burgueses dão dinheiro para se queimarem na fogueira... que o *Notícias* espezita com as suas campanhas contra os representantes do Estado Novo em Guimarães!

O' cegueira das cegueiras!



Afinal os bairristas apesar de todo o silêncio sempre conseguiram saber uma cousa: a comissão de vimezanenses foi a Lisboa pedir licença para demolir os novos Paços do Concelho!

Com todo o seu faro policial algo souberam, mas suaram as estopinhas.

E principia o fado: o que vai ser do grande arquitecto, do grande amigo de Guimarães, do mestre insigne, esqueceram o bairrismo e puseram-se de cócoras.



Há gente de muito fraca memória: a cousa é de há poucos anos e parece esquecida.

Os bairristas de todo o País tinham tomado de assalto as cadeiras da governação pública e não havia localidade onde a fatura não chegasse. As estradas eram um mimo, a nossa Armada não nos envergonhava, as contas públicas primorosas, o nosso crédito desafogado, a ordem pública intangível, os trabalhadores protegidos, os edifícios nacionais impecáveis.

Subia um bairrista para cima duma cadeira, deitava faladura — nesse tempo não se usavam notas officiosas — prometia o bacalhau a pataco, e o povo já sabia que ti-

(Continua na 5.^a página)

TIROS AO ALVO

BANALIDADES...

Foi ontem e parece que foi há um século! Lembrem-se.

Era tal o nosso descrédito no mundo, que já não tinhamos quem nos emprestasse sequer com que mandar cantar um cego! Desconfiavam todos de nós — e se atenderem a que os *déficits* acumulados, desde 1910 até 1927, já andavam por 80 milhões de liras, hão-de concordar que o caso não era para menos...

Cousas da política, aquela grandiosíssima porca, da caricatura justiceira de Bordalo, como sabem.

Ora, justamente nessa altura é que nós mais havíamos de precisar de dinheiro! E, como o fôssemos mendigar, a juros, lá fora, deram-nos mas foi com a porta na cara e ainda por cima nos devassaram a casa, a ver se tinhamos a escrita em dia! Dinheiro, porém, foi o que se viu ou, melhor, foi o que ninguém conseguiu ver.

Era a proclamação humilhante, à face do mundo da bancarrota nacional, aliás proclamada já, anos antes, pelos políticos do tempo, que na febre de se aconchegarem da apojadura do orçamento, nem reparavam sequer que as fronteiras têm ouvidos e que sobre Portugal é que haviam de recair, depois, as custas e os selos do processo. Como de facto. Toda a ferragem da tal declaração de falência, ou lá o que é, encontraram-na os peritos nos jornais da oposição, onde os devotos do sapateiro de Braga proclamavam a berros e sem sombra de pudor mental, que o país... estava a saque!

Eu não sei. Mas ia apostar dobrado contra singelo em como a perícia dos peritíssimos peritos talvez não passasse muito daí...

Salazar, porém, que era, então, professor de economia política, em Coimbra, doeu-se da aliviosia, como português que era, e declarou, alto e bom som, que os senhores peritos se tinham enganado e que Portugal se podia felizmente remediar sem as migalhas de ninguém.

Na altura, não o acreditaram. E' um visionário! — diziam.

Hoje, porém, tirante meia dúzia de portugueses (*cel pour cause*...) já todo o mundo sabe que Salazar tinha razão.

Foi ontem, e parece que foi há um século, tam grande mudança se operou, depois, nos homens e nas cousas de Portugal!

Banalidades? Talvez. Mas o que eu não sei é se haverá outra nação no mundo, onde estas cousas também aconteçam e pareçam igualmente banais...

* * *

Outra banalidade e, esta, no domínio dos impostos, que são a cousa menos apetitosa dêste mundo, como sabem, e o cardial-diabo de todos os homens públicos, no processo da sua canonização popular.

Pois bem. Salazar, um dia, teve de agravar os impostos, para salvar a Pátria, que atravessava, então, uma hora difícil. E logo os alviçareiros: — E' agora. Está aqui, está por terra!

Salazar sabe-o e tira a contraprova, pedindo aos contribuintes o pagamento voluntário de todas as prestações dêste imposto, por uma só vez. E os portugueses ouviram-no. Confiaram nêle. E pagaram, não à força, e com medo ao relaxe, mas porque muito bem quiseram!

Positivamente, a fórmula de Remarque veio tarde de mais a um mundo novo que se renovava a olhos vistos. A oeste, começavam, efectivamente a ver-se cousas novas em folha! Banalidades? Talvez. Mas tomaram muitas nações que estas cousas também lá fôssem e se chamassem... banais!

* * *

A' custa de todas estas banalidades, tinhamos agora as contas em dia e crédito lá fora, ao qual, aliás, não precisamos de recorrer, porque nos bastava a prata da casa, de boamente confiada aos timoneiros da Nação, e a descontos cada vez mais reduzidos. Havia, porém, outros *déficits*, anquilozados há muito na carcaça nacional, e um dos piores sabiam todos que era o *déficit* doutrinal da própria Constituição, insuficiente, anacrónica e estrangeira. Mas ninguém via furo por onde lhe pegar. Derrogá-la, ou, só bulir-lhe que fôsse, levantaria Portugal inteiro — levantaria até as pedras dos caminhos! — dizia-se.

Afinal, Salazar expõe ao país uma nova Constituição, vasada em moldes nacionalistas e cristãos: uma Constituição que reintegrava Portugal no roteiro perdido dos seus antigos destinos e que esfarrapava de vez a *intangível* — a lei infame das garras e dos colmilhos, como lhe chamara Junqueiro.

E o povo votou, em péso, essa nova Constituição. E, se a não votaram também as pedras dos caminhos, foi simplesmente porque não chegaram a tanto os progressos do sufrágio universal...

* * *

Tinhamos, assim, realizada a grande banalidade da reforma

política da Nação. Esta reforma, porém, por mais fundo que mergulhasse no coração da Pátria, valeria de pouco, se a mão acompanhasse, de perto, a forma da própria alma nacional.

Pois bem. As bases dessa reforma, em que a pessoa humana readquiriu os velhos pergaminhos (não é poesia...) que o orgulho individualista lhe roubara, foram lançadas, há pouco, no baseamento firme de *verdades indiscutíveis*, — uma cousa de que a gente há muito tempo nem sequer ouvia falar...

E' Portugal que ressurgue, ao condão maravilhoso da palavra sobretudo, porque é uma palavra cristã.

Agora, sem ironia: eu penso, com E. Hello, que, para um homem afeito a ver os homens e as cousas dum ponto de vista cristão, todas estas maravilhas são efectivamente banalidades — e ainda bem, que tinhamos um homem assim. Salazar, «o ditador contra a vontade», como lhe chamou há dias, um grande diário parisiense, é português.

Luiz de Magalhães, amigo querido, que eu recorde sempre com saúde, e alma gentilíssima de poeta entendia — e dizia-o, quasi de mãos postas, a rezar — que é Salazar o maior milagre de Santo António, à nossa Terra:

...dos teus prodígios, o maior,
O que, hoje, mais exalta o teu renome
Foi êsse de abrasado em pátrio amor,

Nos v'ras as finanças concertar
Disfarçado em ministro e usando nome
De António... d'Oliveiro Salazar!

No entanto, há homens que não agradecem, porque não compreendem os dons de Deus. Chama-lhes a Escritura «homens animais», e olhem que não está mau o chamadoiro...

Reparem. E hão-de ver que é no meio dêles que pulalam, como tortulhos! os tais devotos do sapateiro de Braga, dos quais se fazem, naturalmente, todos os indesejáveis e todos os descontentes.

Mas porque será, então que êsses descontentes só por excepção rara nos surgem entre os pobres e humildes trabalhadores?

Eu tinha a propósito uma pitada de filosofia, se não precisasse de todas as dimensões do tempo e do espaço, para um caso que foi há dias divulgado nos jornais, e cai aqui que nem sopa no mel.

A cousa passou-se, suponho eu, num café af da capital, onde uns sujeitos (gente a quem sobejava tempo e dinheiro para queimar pelos cafés...) se entre-
tinham a discutir azedamente a

Casamentos

Realizou-se, no passado dia 17, na igreja da Lapinha, o enlace do nosso distinto colaborador e abalisado médico sr. dr. Carlos Saraiva, com a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Emilia de Freitas Ribeiro.

Paraninfaram, por parte da noiva, seus pais sr. António de Freitas Ribeiro e a ex.^{ma} sr. D. Joana Freitas Ribeiro, e por parte do noivo, seu pai o sr. Manuel de Saraiva Carvalho Brandão e a irmã da noiva ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Conceição Freitas Ribeiro Martins.

Em seguida, realizou-se um banquete na casa dos pais da noiva, na freguesia de S. João da Ponte, com a assistência de pessoas de família.

Ao novo lar, formado por duas almas de excelsas qualidades, *O Berço da Grei* deseja um futuro risonho, de perene felicidade.

*

Na igreja de Nossa Senhora do Carmo consorciou-se, no dia 17, o sr. João Ribeiro da Costa com a sr.^a D. Adélia de Sousa Peixoto.

Aos noivos desejamos uma vida cheia de venturas.

situação. Um imigrado espanhol que, por acaso, estava ao pé, estranhou a novidade e objectou, naturalmente, a sua estranheza. E logo os outros, sem um farrapo de vergonha em que velassem, ao menos, a falta de patriotismo, desataram a denegrir a situação e a desancar o que êles chamavam a «sangria dos impostos»: — Em Portugal não se vive, asfixia-se — berravam.

O espanhol ouviu, ouviu-o, encarou-os de frente e verificou que nenhum dêles tinha, que se visse, aspecto de asfiziado. Antes pelo contrário. E depois, numa voz em que se adivinhava a náusea, rematou:

— Impostos?! Tomara eu pagá-los, ainda! Hoje, porém, não pago nada, sabem porquê?

—?...

— Porque me roubaram tudo!...

* * *

Escrevo em vésperas de Santo António e, talvez por isso, com o inspirado soneto de Luiz de Magalhães a bailar-me no pensamento...

Positivamente, há cousas que certos portugueses não são capazes de compreender.

Lá terão as suas razões? Talvez. Simplesmente, essas razões não valem no tribunal da Pátria nem valem no tribunal de Deus...

PADRE ANSELMO.

O "Notícias de Guimarães"

E O BAIRRO OPERÁRIO

O *Notícias de Guimarães*, envolto na capa hipócrita do regionalismo, eufemismo muito em voga para encobrir propósitos reservados, objectivos de maisinação política, desunha-se numa pérfida e venenosa campanha contra todas as realizações do Estado Novo, ainda que sirvam os interesses de Guimarães e contribuam para o bem-estar da sua população.

O amor à Terra e à Grei que apregoam em tartufas legendas, está claramente desmentido por provas firmes e incontestáveis.

O *Notícias de Guimarães* existe para a chicana, para a obra derrotista, para a negação, para o aniquilamento das virtudes cívicas de um povo.

A causa desta alucinação, provém do ódio político.

Como não gostamos de afirmações gratuitas, nem de veladas insinuações, vamos acusar com dados.

Uma das maiores concessões do Estado Novo a Guimarães reside no bairro operário que se anda a construir na freguesia de Urgezes.

Realização fomentadora do progresso de Guimarães, não há nenhum vimaranense que não sinta por ela interesse e satisfação.

Só o *Notícias*, porque vê no bairro operário uma obra do Estado Novo, pretende denegri-la e hoje pretende obscurecê-la.

Historiemos:

No ano passado, em princípios de Maio, o governo do Estado Novo concedeu à cidade de Guimarães, um bairro operário de 200 casas.

Esta concessão tinha um significado da mais elevada amplitude. Iria ser motivo de ocupação de muitos braços de trabalhadores e contribuir para a solução da angustiada crise de habitações.

A nossa terra viveu horas de intensa alegria.

A noite de 8 de Maio de 1935, se a memória não nos trai, organizou uma colossal manifestação de agradecimento ao Estado Novo.

O *Notícias*, no seu número seguinte a esta manifestação registou este grande acontecimento como se fôsse um caso banal da vida da cidade.

Foi o ódio político que cegou aqueles homens. Nem se lembraram que tal melhoramento vinha beneficiar Guimarães.

O bairrismo desta gente não passa de tretas e lérias.

O *Notícias*, porém, não ficou por aqui.

Durante um ano, no intuito de apoucar esta concessão do Estado Novo, fartou-se de gritar que o bairro está a ponte,

O concurso dos ranchos

Do brilhante e inteligente defensor da política do Estado Novo no nosso distrito, *O Correio do Minho*, transcrevemos a seguinte local sobre ranchos, a título de lição aos bairristas do *Notícias de Guimarães*, órgão do «revirinho» local.

Campeonato de Entre Douro e Minho

Por toda a Província vai grande entusiasmo por este concurso que marca uma «etapa» importantíssima no renascimento das tradições folclóricas de Entre Douro e Minho.

Não é necessário encarecer o aspecto cultural do interessante certame; não há quem não compreenda o que sob este ponto de vista representa o estêlo feito para restabelecer na sua pureza as lindas toadas e os ritmos tam característicos das nossas canções regionais; a cadência e o movimento das danças que se dançam nas eiras ao luar, e ao sol rutilante dos arraiais e romarias; a elegância natural e o colorido harmonioso dos trajes das nossas lavradeiras com a singeleza da indumentária dos homens do campo, de que a lã das nossas ovelhas e o linho branco que vem dos coradoiros, são a base essencial.

Mas há também o aspecto sentimental de que nós, Portugueses e Minhotos, não sabemos, e não queremos prescindir.

Nós queremos que os nossos filhos, e os filhos dos nossos filhos, e os netos dos nossos netos, saibam como viviam, como cantavam nas horas de alegria e como reagiam na luta pela vida, os nossos pais, e os nossos avós, que respiram este mesmo ar que nós respiramos, que viram estas mesmas paisagens que nós vimos ao nascer, e que dormem o sono final nesta mesma terra em que nós também queremos dormir. Queremos que os nossos filhos e os nossos netos sejam Minhotos, como nós, e como os que nos precederam.

E o esforço para fazer reviver as nossas antigas tradições, é para isso que o fazemos.

que é uma cousa inacreditável, que é uma vergonha.

A construção do bairro iniciou-se e o *Notícias* — moita carrasco, nem uma palavra.

Porquê?

Porque era uma obra do Estado Novo.

¿Isto é que é bairrismo, neutralidade em materia política?

E contra as vozes dos derrotistas, e ante o seu silêncio, a construção do bairro iniciou-se,

Para os júris que hão-de apreciar a apresentação e a actuação dos diferentes agrupamentos e ranchos foram convidadas pessoas da maior alta competência folclórica como são os srs.: dr. Gonçalo Sampaio, dr. Cláudio Basto, dr. Joaquim Costa, dr. Aarão de Lacerda, dr. Mendes Correia, António Correia de Oliveira, Armando Leça, Afonso Valentim, dr. Alberto Feio, Conde de Vilas-Boas, capitão Mário Cardoso, dr. Antero de Figueiredo e Gustavo de Matos Sequeira.

Será este elenco de homens de alto valor nas letras, nas ciências e nas artes, um bando de nefelibatas?

Digam, senhores do *Notícias de Guimarães*, digam, digam!

Não se contorçam nesse estrebuchar de vencidos, digam, digam!

Mendes Correia, Gonçalo Sampaio, Aarão de Lacerda, Armando Leça, capitão Mário Cardoso, Antero de Figueiredo, Matos Sequeira, homens que todo o Portugal culto admira, a apreciarem a «coreografia labroste», segundo a designação com que o *Notícias de Guimarães* classifica os ranchos regionais.

Em face disto, apoiados na *élite* das letras pátrias, hemos de considerar os bairristas «desprovidos de senso e falhos do nível comum da inteligência, de antemão sabido que logram vegetar mercê das suas habilidades saloias e do meio ambiente que os eleva à condição de ridículos magriços defensores das cousas fúteis».

Se nós não conhecessemos a tática do revirinho, tínhamos de classificar estes bairristas piores do que uma praga de gafanhotos...

Assim, divertísimos, para gáudio de todos.

Confrangedor estrebuchar de vencidos.

Um periódico que ataque um rancho regional não pode ser classificado de regionalista.

Isso seria um contra senso. Revirinhista é o termo que está a calhar.

e lá vai a caminhar da inauguração.

Deu-se trabalho a operários e vai-se atenuar em grande escala a carência de habitações.

Ao *Notícias* nada disto interessa, porque o bairro operário é uma obra do Estado Novo.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A' MARGEM

(Continuação da 3.ª pág.)

nha de assaltar os estabelecimentos para o conseguir.

As terras de província eram um mimo de administração: o compadre precisava, é claro que não ia em branco, tudo se arranjava, mas bem entendido, nesse tempo não existiam os nefelibatas, era tudo gente limpa de mãos e se impavam de barriga cheia, era porque lá em casa havia farturinha, graças a Deus, que mais vale quem Deus ajuda do que muito madrugador.

Não havia aspiração que não fôsse satisfeita: o povo queria, pois então, salta de lá a Guarda Republicana, que o povo é tolo, não sabe o que faz. Um voto é cousa pouca e julga o parvo que tem direito a promessas.

Toda a gente tinha competência. Pegava-se num *quidam* qualquer e faça lá: trace uma estrada, e o homem coçava a cabeça e como tinha habilidade fazia a estrada, como os nossos pequenos fazem os bonecos dos 5 anos. Mas a cousa era linda e tinha de ir para a frente — que o correligionário pode não gostar.

Outros tempos — que tristeza! Nada disto — e há um desespero tam grande nos bairristas de Portugal, que sem coragem de ladrar a direito, vá de ladrar às canelas do primeiro que passa, a ver se pega, o tal jôgo bairrista, descaradão e pacóvio, estafado como o velho conto em que só vai... quem gosta de ir porque lhe embala o sono e o deixa sonhar com a fartureza de outros tempos.

Sonhai bairristas, sonhai... porque era bom, mas acabou-se.

O "Notícias de Guimarães," e a propaganda da nossa terra

Há dias, em geito de censura à Câmara, o *Notícias* lamentava-se que os parcos réditos municipais fôssem gastos na propaganda da terra nas *Novidades* e *Diário da Manhã*. Um semanário que tem por lema o amor à Terra e à Grei não podia amofinar-se por (se fazer propaganda de Guimarães em jornais da capital. A causa do abespinhamento provém apenas dessa propaganda ser feita nas *Novidades* e no *Diário da Manhã*.

Fôsse a propaganda feita na *República* do sr. Ribeiro de Carvalho e outro galo cantaria...

«O Berço da Grei» Cobrança do 2.º trimestre

Pedimos a todos os nossos prezados assinantes a gentileza da imediata liquidação dos recibos do 2.º trimestre de *O Berço da Grei*, que termina com o presente número.

BONDADÉ

Benoit Malon foi um sociólogo eminente, e tanto mais para apreciar quanto é certo que aos vinte anos se conservava ainda na situação deplorável de homem inculto, não sabendo sequer ler, e entregue aos labores grosseiros peculiares à gente nessas condições. No seu interessante livro *La Morale Sociale* refere-se repetidas vezes aos animais, e uma delas é para emitir a seguinte regra de conduta que muito convém divulgar:

«Aos animais diversamente úteis ou agradáveis devemos pelo menos, o não lhes infligirmos sofrimentos inúteis; aos indiferentes, é crueldade atormentá-los; aos prejudiciais cumprê-los destruí-los sem os martirizar».

Nós temos a respeito dos animais ideias que supomos de maior elevação, e bem o temos demonstrado, mas não podemos deixar de garantir, que se toda a gente que não pensa a respeito deles dum modo mais elevado, adoptasse para programa de conduta a maneira de ver de Benoit Malon, êsses infelizes seres passariam à categoria de entes razoavelmente felizes — o que hoje estão muito longe de se considerar.

Os animais domésticos (estes pelo menos), só desejam amar e servir os donos; é pois obrigação nossa tratá-los com a máxima bondade. Toda a demonstração de reconhecimento é pequena quando se trata de mostrar a nossa gratidão, e deve esta existir viva e abundante em todas as conjunturas em que somos servidos, em especial por quem, como os animais, o faz com o maior desinteresse. Há tanta gente ainda que se considera desobrigada por inteiro de se confessar grata aos homens que a serve, desde que lhes paga a dinheiro o salário combinado, que não é nada para admirar que, relativamente aos animais seus serventúrios, pense e obre da mesma forma.

O homem há-de ser sempre um poço de inconseqüência e de ingratidão!

LUIZ LEITÃO.

Doenças dos olhos

Dr. Vilas-Boas e Alvim

com prática nos hospitais de Lisboa, Madrid e Paris

CONSULTA:

GUIMARÃIS: Hospital de Santa Casa de Misericórdia, às quartas e sábados, das 9 às 11 horas.

BRAGA: Todos os dias úteis—Largo Barão S. Martinho, 78.

ALTO LÁ

Já são volvidos 3 anos sobre a promulgação do Estatuto Nacional do Trabalho. Pela primeira vez em Portugal se legislou (a sério) a favor das classes obreiras.

Nesses 3 anos, que parecem muitos, foi-nos dado verificar quem eram os amigos e os inimigos dos trabalhadores.

Foi preciso êsse espaço de tempo para se saber, e é preciso que se saiba, quem são os nossos inimigos e por conseguinte os verdadeiros inimigos da Paz Social.

Ai dos que se aproveitam dos benefícios da Ordem para impedir os princípios de justiça que defendemos — disse Salazar.

O grande português quando pronunciou estas palavras, tinha presente no seu espírito com certeza o elevado número dos inimigos da Organização Corporativa, dessa batalha do futuro, da verdadeira Revolução que ha-de dar aos trabalhadores aquilo que de direito lhes pretence.

Já lá vão 3 anos. Os operários na compreensão nítida dos seus deveres, organizam-se. E o Capital? Quantos Grémios?

Para que servem as Associações Comerciais? Onde está o mal?

Em diversos campos.

Os nossos inimigos podem dividir-se em 3 grupos.

Os que, pelos lugares que ocupam dentro do Estado Novo deviam fazer alguma coisa e nada fazem, porque não querem; os que vêem na Organização Corporativa direitos demasiados aos operários; e finalmente, o revirinho, apresente-se êle seja com que mascara fôr, como é seu costume.

Os primeiros são aqueles que, em manifestações delirantes aclamam ruídosamente e com entusiasmo os representantes da Revolução, e passadas que são essas manifestações esquecem-se que é preciso trabalhar e trabalhar bem, e evitando por todos os meios ao seu alcance que o inimigo ganhe terreno e continue na sua obra nefasta e de alta traição.

Os segundos, e estes são dos piores, são aqueles que num desprezo absoluto pelos trabalhadores, dizem que a Organização Corporativa é «um princípio de comunismo». Miseráveis! Não sabem, não vêem estes cegos obstinados, que se não fôsse a Organização Corporativa, talvez não estivessem tam descansados e que até mesmo tivessem as malas preparadas — a exemplo dos colegas espanhóis — para fugir para... a França. Riba d'Ave fornece-nos um exemplo flagrante.

Enorme colmeia operária, Riba d'Ave é, na tirania que lá

exercem os Senhores daquele lugar, a «Rússia do Minho».

A miséria sem par dos salários; o mando nas consciências daquela gente verdadeiramente infeliz; a ameaça do desemprego para todos aqueles que trabalham na Organização Corporativa, leva-nos à conclusão que a Revolução ainda não entrou ali.

Piores que a Legião Vermelha, estes tiranos vão, apesar de pertencerem à União Nacional, inoculando o germen do Comunismo maldito.

Se para os primeiros vai a minha censura e para os segundos a minha mais enérgica revolta, para os terceiros o meu maior desprezo.

Sinto náuseas de falar dessa gente. Apesar de pobre eu sentiria repugnância se tivesse de apertar a mão a estes *bandalhos*.

Acobertados por um bairrismo sujo e falso, fingindo defender os interesses de Guimarães, estes *tarlufos* vão fazendo sua obra nefasta e desagregadora porque os representantes da Revolução Nacional estão a dormir.

E' costume dizer-se que na imprensa não se devem atacar pessoas, mas sim princípios.

Deve ser assim, mas neste caso os princípios que êles defendem não nos interessam por que faliram estrondosamente; restam as pessoas e a sua obra; o mal que vão espalhando.

E êsses ataques quando fundamentados e com razão, são legítimos.

Neste caso está o *Notícias de Guimarães* — o legítimo representante do Revirinho local — e os seus homens.

Que falta de vergonha!

Nacionais Sindicalistas juntos com democráticos; católicos que assistem á missa de livrinho (o que aprovo) a colaborar num jornal onde se diz que a festa da família «é dum tradicionalismo mais que velho, etc...»; um escuteiro que fazia livrinhos com o retrato do Sr. Arcebispo e agora chama *cuecas* aos mesmos escuteiros.

Escuso de citar nomes porque toda a gente os conhece.

Uma vez — ainda me lembro — um explicador cá da terra, tentou ridicularizar o nome do grande Mestre António Sardinha e do brilhante escritor João Ameal. Todos se lembram de quem veio á estacada com tanto brilho, respondendo ao detrator de Sardinha que «liquidava a questão com a biqueira da bota».

Pois todos estes *pequenos* estão de mãos dadas.

Em resumo, são estes os inimigos dos trabalhadores.

Que o operariado de Guimarães se convença, como eu estou convencido, que todos os inimi-

Do concelho

Brito, 16

Vão aloirando as searas de centeio que se apresentam com esperançosa colheita. Não tardará, por isso, a ceifa ou «segadas».

Ultimaram-se também, as lavou-ras das «vessadas». E', para mim, sumo prazer e assunto meditativo o presenciar uma lavoira.

Numa das noites passadas, o meu amigo D. Morfeu, que diariamente me embala num terço do meu viver, mancomunou-se com os parceiros — D. Bilis, Gástrico & C.^a, obrigando o meu físico a saltar obstáculos, dormindo; querer fugir de inimigos, mas não poder correr nem estar prêso etc.

E, nestes apertos, sonhando que estava a sonhar, estremunhei, ouvindo o cantar do lavrador: — Ei! lá, boi ei!...

Levantei-me, fiz o sinal do cristo, vou recitando a minha 1.^a prece diária a Deus (dever imperioso de quem é católico), e feita a minha simples *toilette*, saio de casa.

Atravessando o meu jardim, um negro melro luzidio, num vôo espantadiço, solta duas valentes cascalhadas, descontente por ver que lhe descubro o palácio em estilo circular. E, por entre melodiosos e ternos gorgeios das avezinhas que porflam na sua oração matinal ao Criador, chego perto do campo que lavravam.

«Mil marinhos, mil marinhões — dois parasitas, quatro chantões (em duplicado) puxavam pachorrentos o arado.

1.^o tema meditativo («O direito da força obedecendo à força do direito»). As seitas menos recentes, ornamentadas a capricho por inúmeras teias de aranha, num tal mimo de arte e de beleza que davam sábias lições a «Passos, Eugénios & C.^a» Realçavam o quadro as alvéolas, piscos e pardais, rebuscando insectos que, atravessados no bico, levavam pressurosos à carinhosa prole que, no ninho, esperava famélica o almejado biscato.

Febo, no seu carro d'oiro e luz coroava majestoso êste quadro sublime da Natureza que enleva a nossa alma, vendo nas criaturas o reflexo do Deus Onnipotente e Criador.

2.^o tema «A existência de Deus». A lavoura terminava; e eu contemplava a Terra, nossa mãe, que, numa ânsia de bemfazer, se deixou rasgar e abrir para receber o

(Continua na 7.^a página)

gos do Estado Novo são inimigos da Organização Corporativa e por conseguinte nossos inimigos.

Guerra sem tréguas a estes desleixados, a estes tiranos e a estes gameleiros e hipócritas que em diversos campos impedem que nós tenhamos *pão e justiça*.

A. MALHEIRO.

Do concelho

(Continuação da 6.ª página)

precioso cereal que, depois de elaborado no seu seio, entrega — cento por um — para mimo e sustento de quem tanto a castigou.

3.º tema «Amor e sacrifício». Animais e criados descansam um pouco à sombra das árvores. O lavrador, porém, balizado o campo, traz a semente.

Antes de principiar a semeá-la, deposita-a a seus pés, tira o chapéu de palha, levanta os olhos ao céu e principia o «Sinal da Cruz» nessa frente donde correm as últimas bagas de suor, porque a madrugada foi longa e o seu labutar insano.

Ultimo tema «Oração e fé». Epílogo das outras virtudes; humildade, amor e sacrifício. Naquele persignar meditava eu aquela sentença sagrada: *Ego plantavi; Apollo regavit; Deus autem incrementum dedit.*

Onde, no Comércio ou Indústria vemos o persignar do lavrador? Por isso, lavoura querida, serás desprezada, muito embora; mas ficarás sempre a Rainha da Terra e a detentora das bênçãos de Deus!

E tu, bom lavrador, rude e humilde, mas crente, serás um herói, a joia preciosa da Pátria e uma glória refulgente lá no eterno seio de Deus. — C.

Vizela, 14

Concerto — Realizou-se na passada quinta-feira, 11 do corrente, o tam esperado concerto pela banda de Vizela, sob a distinta regência do ilustre Maestro-compositor sr. Joaquim da Costa Chicoria, que foi um acontecimento que jamais esquece a quem teve a felicidade de a ele assistir.

O programa, constituído por obras do Maestro Chicoria, Puccini e J. Marques, foi sublinhado com quentes e fartos aplausos. Devemos salientar dois números novos, do ilustre compositor e regente que são «Uma hora contigo», passo dobrado, e «Sorriso de Noiva», sinfonia, são duas composições que têm ritmo forte e onde o autor demonstra a sua categoria de um verdadeiro génio. Na sinfonia, temos momentos em que a nossa alma se eleva ao máximo de paixão e esquecimento.

A banda de Vizela, com a regência deste consagrado artista, vai dentro em pouco ser grande entre as melhores do País, graças à sua direcção artística.

A todos, pois, e em especial ao talentoso artista, os nossos parabens pelo brilho do concerto, e por assim findar, duma maneira prática, o zum-zum dos doridos de ontem. Parabens e siga a banda.

Casino Peninsular — Já deve estar aberto, quando sair esta notícia, o Casino Peninsular, sob a gerência do sr. Joaquim Ribeiro Ferreira, proprietário da Casa «De-

João Ferreira das Neves

Rua de Santo António — Guimarães — Telefone 181

Apresenta para bem servir os seus clientes, as seguintes carreiras com o novo horário de verão, que vigorará até 30 de Setembro:

Carreira entre GUIMARÃIS e PORTO

Partida de Guimarães	= =	Chegada ao Porto
8 h., 12,30 e 19,15		10 h., 14,30 e 21,20
Partida do Porto	= =	Chegada a Guimarães
8 h., 10,15 e 18,30		10,05 h., 12,15 e 20,45

Carreira GUIMARÃIS — POVOA DE VARZIM

Partida de Guimarães	= =	Chegada à Povoá de Varzim
7,15		9,55
Partida da Povoá de Varzim	= =	Chegada a Guimarães
18,50		21,30

Carreira GUIMARÃIS — PEVIDEM

Partida de Guimarães	= =	Chegada a Pevidem
7,35		7,50
Partida de Pevidem	= =	Chegada a Guimarães
8, h., 12,30 e 20,55		8,15, 12,45, 21 e 10

AOS DOMINGOS

Saída de Guimarães	= =	Chegada a Guimarães
8,5		8,45
Partida para a Povoá de Varzim		
8,10		

licia», de Vizela. Joaquim R. Ferreira, filho do saudável fundador do Casino José Ribeiro Ferreira, vai abrir com um serviço esmerado, tendo já fechado contrato com uma magnífica orquestra Portuense, etc.

Vizela este ano tem o Casino para as célebres noites de elegância. Bem haja quem não se poupa a sacrifícios para o progresso da nossa Terra.

Arma branca — Na passada quinta-feira, andou novamente em cena a faca, e a vítima foi um bom rapaz.

Lamentamos que o herói de tal acto não traga a grilheta na canela, para ser conhecido de todos os vizelenses, e para assim ser reconhecido o homem que usa arma branca.

Bem faz o comandante do Posto da Guarda Republicana desta vila em dar batidas, aos faquistas.

Excursão — Passaram aqui algumas horas o grupo «Os rivais do Carvalhido» que em excursão anual têm percorrido o País. Viajam em 9 caminhetas.

— Também nos visitaram os «Admiradores do Minho» que, como os primeiros, viajam em caminhetas.

Cine-Parque — Domingo, 21 do corrente, realiza-se no Cine-Parque mais uma sessão dos de máxima categoria — «O Mundo em Marcha», uma das maiores realizações da casa Fox, Alemanha.

Notícias pessoais — Tivemos o prazer de abraçar nesta vila, o nosso conterrâneo sr. Joaquim da

Silva Bravo, dignissimo engenheiro do Governo.

— Também vimos nesta vila o grande capitalista de Braga e proprietário do Casino Peninsular de Vizela, nosso amigo sr. Joaquim da Silva e seu ex.º sobrinho.

— Também nesta vila cumprimentamos o nosso amigo sr. Domingos de Sousa, representante dos Laboratórios da «Isis», Porto.

Capitão António Tôrres — Tem melhorado, o que com alegria registamos, a saúde deste grande vizelense, filho do saudável dr. Abílio Tôrres, que foi operado há dias no Porto, pelo distinto clínico sr. dr. Moraes Frias.

Desejamos ardentemente, as rápidas melhoras do prestante cidadão que é um dos mais devotados defensores das belezas da Terra, que seu querido pai tanto amou e levantou.

A toda a ex.ª família, apresenta o *Berço da Grei* os seus cumprimentos. — C.

ESPECTÁCULO

Organizado pela juventude católica feminina realizou-se no dia 17 de Junho, no salão de Festas do Asilo de Santa Estefânia um variado e atraente espectáculo.

Todos os números do programa, representações, coros, marchas, etc., foram desempenhados pelas jócistas com uma regularidade que agradou.

Secretaria Judicial de Guimarães

Anúncio

(2.ª publicação)

Neste Juízo e pela 3.ª secção da Secretaria Judicial, correm éditos de 30 dias, a contar da última publicação deste anúncio, intimando os herdeiros desconhecidos ou incertos do falecido António de Oliveira Guimarães, desta cidade, como gerente da Irmandade de S. Crispim e S. Crispiniano, da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, desta cidade, durante os anos económicos de 1904-1905 a 1910-1911, para, no prazo de 30 dias, findo que seja o dos éditos, reclamarem, recorrerem ou alegarem o que entenderem do acórdão do Tribunal de Contas proferido em 22 de Novembro de 1930, que condenou aquele António de Oliveira Guimarães e ainda João de Oliveira Matos, Francisco José de Oliveira Guimarães, José Pinheiro da Costa, José Joaquim de Almeida, José da Silva Eugénio Júnior, Casimiro Correia Lopes, João Soares e Serafim Rocha, como gerentes da referida Irmandade nos ditos anos de 1904-1905 a 1910-1911, na reposição total da quantia de 2.428\$95, com os juros de seis por cento durante cinco anos e emolumentos a liquidar na respectiva repartição.

Guimarães, 4 de Junho de 1936.

O chefe da 3.ª secção,

Luiz Candido Lopes.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Artur Valente.

Cadela coelheira

Perdeu-se, amarela, com patas brancas e orelhas «guixes», que dá pelo nome de Viana. Gratifica-se a quem a entregar na fábrica do Arquinho, e procede-se, a todo o tempo contra quem a retiver.

Génios da Raça

Santo António e Camões...

Ainda a Pátria era infante, ei-lo que parte — já nêlo vivia o espírito da raça, a fé e a aventura: o mar — pequena a caravela, frágil barca em mar alto, a caminho das Áfricas ardentes, para trazer os gentios a Cristo. Um temporal fá-lo arribar à Terra-Mãe da Latinidade.

Aí, estradas fora, prêga a lei de Jesus entre os meios mais cultos da Europa.

Era Frei António...

Apóstolo dos maiores, da Meia Idade, Frei António, é amado, por todos: grandes e humildes; cultos e ignorantes. Ele ficou no coração de uns e doutros, através de todas as idades.

A fama dos seus sermões, saídos duma inteligência privilegiada, entusiasmou os sábios do seu tempo, chegando a nossos dias.

No coração do povo ficou a tradição de seus milagres...

Génio da Raça, êle ficou na História como símbolo da nossa civilização: a universalidade; a latinidade; a dilatação da fé!

*

* *

Eis as náus, as velas pandas, Cruz de Cristo ao vento, que partem por mares nunca doutrem conhecidos, para a distante Índia. E lá vai êle, para longe, bem longe da Pátria, para melhor a sentir...

Campo de batalha. Guerreiro ao serviço do Império, sente bem o esforço lusíada!

Era Camões...

Ele sente, peregrino do amor da Pátria, o valor rático lusitano, os destinos da Terra Portuguesa, o caminho a trilhar.

Ele exalta a Pátria a segui-lo.

Indica ao seu Chefe, o Rei, o caminho (e ainda há estúpidos que dizem que Sebastião foi para África só com o consentimento dos jesuítas (?) e dos *insensatos* e dos *tolos* (!); *¿E os Lusíadas?* (Nunca o leram, bem se vê), o caminho da nossa missão histórica: A África — «dilataando a Fé, o Império!»

Génio da Raça, êle ficou na História como símbolo da nossa civilização: a latinidade!

Santo António e Camões...

O Apóstolo de Deus, o Apóstolo da Pátria.

Mas ambos, bem nossos, bem portugueses, na grandiosa obra que ergueram, que atravessou fronteiras, fazendo lembrar ao mundo, o grande Povo de Portugal.

Junho de 36.

ANTÓNIO LINO.

O "NOTÍCIAS" E AS ASPIRAÇÕES DE GUIMARÃIS

(Continuação da 3.ª página)

mar o órgão «reviralista» das diligências efectuadas junto de Salazar!

Mas ao *Noticias* não convinha esclarecer-se sobre os problemas citadinos ventilados em Lisboa, para poder continuar a sua campanha derrotista, de envenenamento da opinião pública, de perversão da política e acção administrativa dos representantes do Estado Novo em Guimarães. Para a consecução dêste objectivo malsinou as *démarches* efectuadas em Lisboa com artificios literários.

«Um grande silêncio, silêncio de cortar à faca, caíu pesadamente sobre esta população que, de há muito, anda apeteçada de uma nova que a alvoroce e anime e desejosa de sentir no prato da balança o quinhão devido pela justiça imanente... etc.»

«Vêm-se olhos aumentados pelo espanto, mede-se o perímetro das bocas entreabertas e ouvem-se *cochichos* de mofa e escarninho.»

E' assim, em termos vagos, com expressões artificiosas que o *Noticias* explora o «caso» dos embaixadores que a Lisboa foram trabalhar pelo progresso de Guimarães.

—«O que há? O que arranjou?» — pergunta o órgão regionalista, perdão, reviralista.

Eles também pertencem ao número daqueles que não perdoam à comissão o não ter trazido o regimento... às costas.

«Uma cousa, porém, se classifica de imperdoável — a «caixinha» que se fez sobre as diligências abreviadas, a carência de notícias e o não cumprimento do mandato de que essa Comissão foi investida.»

A perfídia que tudo isto revela não tem classificação possível.

Agora preguntamos nós: onde estão em Guimarães os homens do Estado Novo que permitem que uma população seja envenenada por notícias tendenciosas?

Tendo o Estado Novo uma função educativa, porque se permite que em Guimarães o *Noticias* exerça uma acção jornalista desmoralizadora do civismo de um povo? Porque se permite que homens que exercem funções de autoridade e administrativas, sejam todas as semanas achincalhados por processos baixíssimos?

Após 10 anos de Estado Novo, só a nós, à redacção de *O Berço da Grei*, cabe a tarefa de expurgação do meio vimaranense que o *Noticias* envenenou com as suas campanhas derrotistas! A nossa tarefa está no início. Apesar disso, sentimo-nos já enojados.

Os processos jornalistas que o *Noticias de Guimarães* usa conspurcam a imprensa provinciana.

Não estão ao nível de receberem réplica num jornal digno. O editorial do *Noticias* é uma série de insinuações da mais baixa estôfa moral.

Urge pôr cõbro a êste foco de deturpações.

O Estado Novo quer a moralização da imprensa. O *Noticias* está a perverter a opinião pública. Urge pôr cõbro a êste estado de cousas. Queremos que a nossa voz seja ouvida. Exigimos uma intervenção imediata.

Contra o *Noticias* corre já no tribunal desta comarca uma acção por incitamento ao crime.

Este correctivo não os emendou.

Em nome do civismo de um povo, que não pode estar à mercê de quem das colunas do jornal faz estendal de prosa baixíssima, exigimos imediata intervenção das autoridades sanitárias para desinfectação de dejeções de *coelho*.

Pelas Letras

«Rompendo as Nuvens»

por Jerónimo de Almeida.

Ler êste livro de versos é auscultar as pulsações harmoniosas e serenas da alma portuguesa, impregnada da graça da fé, do amor à terra e do culto feminino.

Espiritualiza esta obrinha encantadora a crença religiosa, robustece-a o sentimento nacional e perfuma-a o sorriso da mulher.

Neste livro, espelham-se, pois, as virtudes da raça portuguesa.

E' também digna de menção a singeleza destas composições poéticas.

Sem preocupações de forma rebuscada, os versos de Jerónimo de Almeida timbram pela propriedade das expressões, musicadas em cadências harmoniosas.

E' por isso que, após a leitura dêste livro, os seus versos não se esfumam como névoa ou bruma.

Na consciência ficam a repercutir-se os seus formosos conceitos, em ondas de doce melopeia.

Guimarães também perpassa nas composições de Jerónimo de Almeida na côr do seu casario, na vetustez histórica das suas pedras, na frescura dos seus ares, na alegria do seu povo, na beleza campesina dos seus recantos.

Rompendo as Nuvens é mais um triunfo literário a sublinhar o valor poético de Jerónimo de Almeida.

Tem na capa uma artística alegoria do prof. Abel Cardoso.

A edição é singela mas atraente.

Agradecemos a oferta do exemplar.

As "gréves,, em França

A reivindicação mais imperiosa dos grevistas franceses cifra-se na obtenção de contratos colectivos de trabalho.

Para a conquista desta pretensão os operários usam processos violentos, abandonam o trabalho, tomam atitudes de ameaça, intimidam o govêrno, apoderam-se das fábricas, perturbam a ordem, arruinam a economia nacional, em suma, declaram-se em greve.

Isto em França.

Em Portugal foi o próprio govêrno que incluiu na sua legislação social os contratos colectivos; são os delegados do Instituto Nacional de Trabalho que activam e patrocinam a sua realização.

Em França reclama-se por meios violentos uma reivindicação que o Estado português fomenta e propaga.

Temos de confessar que em matéria social vamos mais adiantados do que os franceses.